

## INTERCULTURALIDADE, LIDERANÇA E VOTOS: RESPONSABILIDADE OU RIQUEZA

Ir. Patrícia Murray, IBVM

*Irmã Patricia Murray, IBVM, é membro do Instituto da Bem-Aventurada Virgem Maria (Irmãs de Loreto). Ela é educadora e serviu como Oficial de Educação para a Paz e Presidente da Comissão Episcopal Irlandesa de Justiça e Paz. Ela foi membro do Conselho Geral de sua congregação e a primeira Diretora Executiva da Solidariedade com o Sul do Sudão - um novo modelo de presença missionária intercongregacional. Atualmente ela é Secretária Executiva da União Internacional das Superiores Gerais (UISG). Ela tem Mestrado em Educação MEd (TCD-Dublin), e um MA (Teologia) e DMin da União Teológica Católica - Chicago.*



*Este artigo foi publicado no volume: Lazar T. Stanislaus, SVD/Christian Tauchner, SVD (eds.), (Tornar-se Intercultural. Perspectivas na Missão, Delhi) Becoming Intercultural. Perspectives on Mission, Delhi: ISPCK/Steyley Missionswissenschaftliches Institut 2021, pp. 153-170.*

Uma extraordinária confluência de eventos está atualmente remodelando nosso mundo. As paisagens sociais e culturais estão mudando à medida que uma nova consciência se espalha pelo mundo. Anos atrás, Alvin Toffler comentou que a humanidade estava enfrentando um salto quântico com a mais profunda reviravolta e reestruturação social de todos os tempos. Ele disse que “sem reconhecê-lo claramente, estamos engajados na construção de uma nova e notável civilização a partir da base”<sup>1</sup>. O que está acontecendo agora é certamente parte dessa reviravolta. Os religiosos não vivem fora do contexto de hoje – isso afeta quem somos e quem estamos nos tornando como homens e mulheres consagrados. Somente se nos empenharmos em examinar criticamente nossas vidas à luz desses “sinais de nossos tempos” podemos julgar se a inculturação, a liderança e os votos são uma responsabilidade ou uma riqueza.

No início de 2020, uma nova infecção viral chamada Covid-19, ou depreciativamente “gripe chinesa”; ou “gripe Kung”, começou a se espalhar a partir de Wuhan, na China. Comentaristas sociais observaram que “onde quer que uma pandemia vá, a xenofobia nunca fica muito atrás... A doença, afinal, fomenta o medo, que por sua vez fomenta

a discriminação”<sup>2</sup>. Vários estudos fornecem evidências claras de que grupos étnicos negros e minoritários correm maior risco de morrer de Covid-19 do que pessoas de etnia branca. Especialistas apontam o racismo como causa fundamental desse diferencial porque “restringe o acesso à educação e a oportunidades de emprego.”<sup>3</sup> Além disso, esses fatores “levam a circunstâncias socioeconômicas mais pobres que levam a piores resultados de saúde.”<sup>4</sup>. Além disso, pessoas de minorias étnicas ou negras trabalham em maior número em “empregos essenciais”, vivem em acomodações superlotadas, têm problemas de saúde subjacentes, colocando-as em risco ainda maior.

O mundo foi ainda mais abalado pelo assassinato sem sentido de George Floyd em 25 de maio de 2020 em Minneapolis, EUA. À medida que os vídeos do evento surgiam e eram reproduzidos, assistimos a um homem morrer, “de bruços na calçada, preso embaixo de um carro, e acima dele outro homem, um homem de uniforme, sua pele mais clara do que o homem no chão... seu joelho perfurando o pescoço do homem mais escuro... ...O homem no chão ficou em silêncio, sem fôlego.”<sup>5</sup> Esses 8 minutos e 46 segundos galvanizaram milhões de pessoas a sair às ruas proclamando “eu/nós não podemos respirar”; “Vidas negras importam.” Eles representam pessoas de todas as idades, gêneros, etnias, raças e religiões unidas em solidariedade, raiva e dor com este homem, mas também com todas as pessoas que sofrem discriminação, estereótipos, racismo, xenofobia e exclusão de qualquer tipo.

Maior mobilidade, viagens transnacionais, um mercado globalizado, refugiados fugindo de guerras e conflitos, migrantes em busca de melhores oportunidades, mostraram a face feia da exclusão. Agora, a transformação pessoal e a conversão de atitudes, símbolos e sistemas estão sendo exigidas. Esses acontecimentos globais colocaram um espelho na face de nossa sociedade global e na vida religiosa contemporânea. Recentemente, Jayne Helmlinger CSJ, reconhecendo sua própria cumplicidade no racismo por causa do privilégio branco, convocou as religiosas a empreender “a peregrinação ao terreno do racismo.... não saindo muito rápido, voltando para um lugar de conforto e proteção.”<sup>6</sup>

Em todo o mundo, o foco está claramente em como gerenciar a diferença e a diversidade. Este é um desafio que deve ser enfrentado tanto pela sociedade como um todo quanto pela liderança dentro da vida religiosa.

Um documento recente do Vaticano observa a enorme mudança que ocorreu quando “congregações femininas passaram de contextos quase inteiramente monoculturais para o desafio do multiculturalismo”<sup>7</sup>. A face da vida religiosa reflete um “labirinto de culturas”<sup>8</sup>. Religiosos e religiosas mais jovens vivem em comunidades multiculturais ou participam de redes de comunhão e apoio mútuo que são “culturalmente, étnica, teológica e eclesiológicamente diversas”<sup>9</sup>. Essa evolução recente dentro e entre muitas congregações “tornou ainda mais agudo o desafio de integrar diferentes culturas”<sup>10</sup>. O mesmo documento observa que

Alguns institutos encontram-se agora numa situação difícil de gerir. Por um lado, algumas dezenas de membros idosos que se prendem às tradições culturais e institucionais clássicas e por vezes alteradas e, por outro, um grande número de jovens de diferentes culturas que estremecem, que se sentem marginalizados e que já não aceitam papéis subordinados.<sup>11</sup>

Observa-se a desocidentalização da vida consagrada acompanhando o processo de globalização.<sup>12</sup> Diz que o essencial “não é a preservação das formas”, mas a vontade “em continuidade criativa de repensar a vida consagrada como memória evangélica de um estado permanente de conversão”<sup>13</sup>. Durante uma recente reunião online, o líder de uma congregação religiosa colocou a questão “como é a vida religiosa quando não tem a sobreposição da civilização ocidental?”<sup>14</sup> Como devemos entender os votos de uma perspectiva diferente?

Muitos líderes estão se educando sobre diferentes aspectos da cultura para que possam liderar bem e com sabedoria.

O aumento de membros de novas culturas, juntamente com o declínio de vocações de fontes tradicionais, mudou a composição cultural das congregações religiosas. Os membros mais novos podem experimentar preconceitos abertos ou encobertos, generalizações, julgamentos estereotipados e mal-entendidos recíprocos. Isso pode ser ainda agravado por uma diferença de gerações ou diferenças de personalidade. As críticas de indivíduos ou grupos podem muitas vezes circular de maneira dissimulada, criando uma atmosfera insalubre. Pode haver medo de ser dominado pelo grupo majoritário. Se se percebe que os recursos congregacionais como poder, dinheiro, relações de solidariedade com as famílias dos membros e hospitalidade são distribuídos de forma desigual, a confiança é profundamente afetada. Apesar dessas experiências, as conversas raramente acontecem em torno das diferenças e a questão do racismo e do preconceito quase nunca são abordadas abertamente.

Os membros praticam uma abordagem dupla: “Na presença de membros da ‘outra’ cultura, enfatizamos o positivo... mas quando estamos com os de nossa própria cultura, são todos os aspectos negativos (sobre a outra cultura) que emergem.”<sup>15</sup> Na conhecida imagem de iceberg da cultura, nove décimos do que constitui uma cultura estão sob a superfície. Os líderes precisam considerar que os processos conscientes e inconscientes existem culturalmente nos níveis individual e organizacional.

Como, então, exercer a liderança em meio a essa crescente diversidade cultural? Os líderes precisam liderar conversas mais profundas que exigirão uma mudança radical de mente e coração. Se a vida religiosa deve espelhar as enormes mudanças culturais que estão ocorrendo tanto em nosso mundo quanto dentro das congregações, há uma necessidade crescente de prestar atenção às antropologias de várias culturas e aprender a linguagem da cultura. É claro que “um ministério para liderar que possa solicitar uma sinodalidade real, promovendo um dinamismo de sinergia, está se tornando cada vez mais necessário”<sup>16</sup>. Em meio à crescente diversidade na vida religiosa, a liderança deve perguntar “há irmãos e irmãs entre nós que sussurram e até gritam “não consigo respirar, não podemos respirar” porque se sentem marginalizados culturalmente? Não somos chamados a examinar as implicações radicais do que significa viver como uma comunidade intercultural? Como os líderes devem liderar uma exploração do significado dos votos no mundo multicultural de hoje? Não estamos sendo chamados a “descobrir a dignidade da diferença e celebrá-la?”<sup>17</sup> Se pudermos demonstrar ao mundo que nós, culturalmente diversos, podemos viver e trabalhar juntos, podemos ser um sinal profético de esperança no mundo de hoje.

### **Liderança num Mundo Multicultural**

Como então liderar em meio à crescente diferença e diversidade? Os teóricos organizacionais afirmam que os líderes que empreendem uma viagem de compreensão e desenvolvimento pessoal podem transformar não apenas suas próprias capacidades, mas também as dos outros e de suas organizações.<sup>18</sup> Líderes transformadores são indivíduos capazes de “identificar seu núcleo interior ou eu superior que pode efetivamente guiá-los em tempos turbulentos”<sup>19</sup>. No entanto, sem um processo pessoal que desenvolva a capacidade da pessoa de percepção, de aprendizagem, de interiorização, de explicitação de sentido e de construção de significado, tal liderança transformadora é impossível.<sup>20</sup> Onde há uma boa liderança, deve haver uma visão – uma articulação de um propósito “que valha o resto de sua vida”<sup>21</sup>.

Homens e mulheres que são líderes em congregações religiosas estão, portanto, sendo chamados a motivar seus membros para os valores e atitudes do Evangelho que são

necessários no mundo intercultural de hoje? Estes devem incluir empatia, abertura ao outro, partilha e enriquecimento mútuo, hospitalidade, encontrar e acolher o estranho, inclusão, respeito pelo outro, compreender e celebrar a diferença e desenvolver uma profunda ligação. Quando essas atitudes e valores florescem nos membros da congregação, eles, por sua vez, influenciam o alcance do ministério. Mas primeiro os líderes devem empreender uma jornada de descoberta pessoal. Só então eles podem desafiar os outros a “comprometer-se a viver da mesma forma... defendendo uma nova maneira de liderar em nossa cultura”<sup>22</sup>.

Um dos primeiros desafios para a liderança é entender a dinâmica da cultura. Esta é uma tarefa muito complexa, como descascar uma cebola. A cultura descreve tudo o que torna um grande grupo de pessoas único. Tem sido comparado ao ar que respiramos, que realmente só percebemos quando está ausente. A cultura é vista como um “conjunto de normas segundo as quais as coisas são executadas ou simplesmente “são” em



uma determinada sociedade, país ou organização”<sup>26</sup>. Uma cultura pode ser examinada externamente (etic) ou internamente (emic).<sup>27</sup>

A identidade cultural de uma pessoa se desenvolve ao longo do tempo e foi definida como “identificação e aceitação percebidas em um grupo que possui um sistema compartilhado de símbolos e significados, bem como normas/regras de conduta”.<sup>28</sup> Isso significa que uma pessoa pode funcionar adequadamente dentro da cultura, entendendo os sistemas de símbolos e crenças e seguindo as normas. As pessoas que são socializadas em diferentes culturas reagem de maneira diferente ao mesmo conjunto de circunstâncias, devido a concepções previamente internalizadas do que é normal e apropriado. Portanto, não há uma maneira de reagir e, à medida que pessoas de diferentes culturas se encontram, elas precisam aprender continuamente as respostas culturais apropriadas de novos conhecidos.

Qualquer revisão de escritos contemporâneos sobre interculturalidade observa que este termo abrange a “teologia, prática e espiritualidade do diálogo profético.”<sup>29</sup> No nível prático, o missiólogo Anthony Gittins escreveu extensivamente sobre como de uma comunidade de muitas culturas, a interculturalidade genuína só surgirá quando uma nova cultura for criada por meio de trocas intencionais, honestas e criativas por parte de todos os membros. Além disso, uma comunidade religiosa precisa “dar testemunho público da possibilidade real de pessoas de diferentes culturas e línguas, mas uma fé e visão comuns serem capazes de sobreviver e prosperar para um propósito além de qualquer capricho ou conforto e um sinal do Reino e Reino de Deus”.<sup>30</sup> Para se engajar no processo de interculturalidade, uma pessoa deve estar aberta a ser transformada por pessoas de outras culturas. Às vezes, esse processo foi reduzido a um compartilhamento superficial de alimentos, uma troca de símbolos ou a celebração de feriados nacionais. Para ser genuíno, o processo deve envolver o compartilhamento em um nível muito mais profundo. Significa tornar “mais explícita a mutualidade essencial do processo de

**Compreender e respeitar a cultura de outra pessoa é afirmar a identidade de outra pessoa e reconhecer sua dignidade. Quando o respeito e a compreensão mútuos são cultivados, isso ajuda a construir confiança e abertura, enriquecer a comunicação intercultural e criar uma comunidade verdadeiramente intercultural.**

inculturação tanto no nível pessoal quanto no social”<sup>31</sup>. Isso significa estar aberto para ouvir os sentimentos, medos e lutas do outro, enfrentando juntos tensões e desigualdades culturais reais.

Envolve aprender a expressar sentimentos negativos e mal-entendidos uns em relação aos outros. O missiólogo Aylward Shorter nos convida a começar nosso aprendizado intercultural acreditando primeiro “... no caráter positivo de outras culturas”, depois alimentando “o desejo de ser enriquecido por elas”. Finalmente, devemos “acolher os de outras culturas e dar-lhes (nossa) confiança sem reservas.”<sup>32</sup> Compreender e respeitar a cultura de outra pessoa é afirmar a identidade de outra pessoa e reconhecer sua dignidade. Quando o respeito e a compreensão mútuos são cultivados, isso ajuda a construir confiança e abertura, enriquecer a comunicação intercultural e criar uma comunidade verdadeiramente intercultural.

## O desafio intercultural da vida consagrada

Os líderes devem começar perguntando até que ponto nosso mundo multicultural globalizado está remodelando a teologia da vida religiosa. Estão surgindo novos insights sobre a vida consagrada? Antes do Concílio Vaticano, a vida religiosa consagrada era vista em termos de compromisso individual: “Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus”<sup>33</sup>. A cultura congregacional dos votos privilegiava o “eu-ismo” (uma cultura individualista), embora os membros vivessem em comunidade. Citações bíblicas como “quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim”<sup>34</sup> foram usadas para construir sistemas e estruturas que criaram distância entre os religiosos com votos e suas famílias, comunidades locais e mundo mais amplo. A vida consagrada era vista como um afastamento do mundo. O Vaticano II criou uma nova consciência de que a Igreja e, por extensão, a vida religiosa devem estar “no, com e para o mundo, participando de sua luta pela transformação da humanidade.”<sup>35</sup> As congregações iniciaram um processo de renovação perguntando como “a iniciativa empreendedora, a criatividade e a santidade de seus fundadores e fundadoras” poderiam responder “aos sinais dos tempos que emergem no mundo de hoje.”<sup>36</sup> No entanto, o processo de renovação e adaptação não tem sido fácil.

Não devemos ter medo de reconhecer honestamente como, apesar de uma série de mudanças, o antigo quadro institucional luta para dar lugar a novos modelos de forma decisiva. Talvez toda a constelação de linguagens e modelos, valores e deveres, espiritualidade e identidade eclesial a que estamos acostumados ainda não tenha deixado espaço para estar e estabilizar o novo paradigma nascido da inspiração e da prática pós-conciliar.<sup>37</sup>

Há um renovado apelo à reflexão sobre o que é necessário hoje para que os religiosos sejam uma presença profética e um testemunho contracultural inspirado nos valores evangélicos. Há uma consciência crescente de que os votos vividos em comunidade (nós ou coletivistas em termos culturais) podem ser um testemunho profético significativo. Por meio de seus votos, os religiosos se dedicam à pessoa de Cristo e depois se comprometem pessoal e comunitariamente com a transformação de todos os aspectos da vida humana. Sandra Schneiders demonstra como os votos se concentram especificamente em três dimensões importantes da vida pessoal – posses, afetividade e poder que são simultaneamente as três grandes áreas de interação humana que estruturam o mundo (economia, vida social e política). Já vimos como esses três campos impactam em diferentes culturas contribuindo para a pobreza, exclusão e discriminação. Portanto, uma teologia contemporânea dos votos deve destacar “o potencial dos votos para permitir que os religiosos desempenhem um papel significativo na transformação das próprias estruturas do mundo”<sup>38</sup>, particularmente na criação de uma nova forma intercultural de convivência.

**O Voto de Pobreza:** O voto de pobreza é um compromisso de testemunhar uma forma alternativa de viver em um mundo onde há uma divisão acentuada entre uma economia de abundância e uma de escassez. Há duas dimensões no voto de pobreza – uma social e outra pessoal<sup>39</sup>. A dimensão social exige que as congregações religiosas contribuam “para a reestruturação da situação econômica em escala mundial”<sup>40</sup>. Isso é feito comprometendo recursos para atender às necessidades dos materialmente desfavorecidos, engajando-se na defesa dos pobres e exigindo mudanças estruturais. A dimensão pessoal chama os religiosos a testemunhar a “liberdade e simplicidade interior” e “a liberdade evangélica vivida por Cristo que nos enriquece com sua pobreza”<sup>41</sup>. O voto exige uma relação equilibrada com os bens materiais, reconhecendo tudo como dom de Deus; portanto, “nós religiosos não temos direito a mais do que precisamos quando outro está em necessidade”<sup>42</sup>. Exige uma conversão do coração que mude o comportamento em relação aos bens materiais e às posses. Os religiosos devem denunciar o egoísmo, a

exploração, a dominação e “modelar a partilha da vida através da partilha dos bens”<sup>43</sup>. O voto pede uma administração responsável e solidariedade global. É vivido em atitudes e comportamentos que testemunham “contentamento e ação de graças, desapego de coração, obras bem-feitas, confiança na providência, respeito e solidariedade com os pobres.”<sup>44</sup> Hospitalidade e acolhimento radical são marcas deste compromisso prometido. Deve-se mostrar que há lugar na mesa para cada pessoa, não importa sua cultura ou etnia, sua idade ou sexo, sua religião ou suas convicções políticas, pois todos são bem-vindos.

Hoje, muitos religiosos vêm de contextos e culturas onde milhões lutam com a pobreza absoluta. As famílias podem viver na pobreza enquanto seus filhos e filhas que professam um voto de pobreza são bem providos. Esses religiosos têm acesso a recursos e oportunidades que de outra forma não seriam possíveis. A pertença a uma comunidade religiosa pode dar à pessoa acesso a uma “formação intelectual e profissional e a um estilo de vida que são fruto de uma preparação quase ocidental.”<sup>45</sup> Os familiares nem sempre compreendem que o consagrado não tem acesso independente aos bens materiais da congregação religiosa. Eles têm expectativas de que os religiosos os ajudem financeiramente ou os ajudem a encontrar benfeitores. Ser religioso, no entanto, não absolve uma pessoa das obrigações familiares. Deve ficar claro que é a comunidade, e não o indivíduo, que está respondendo ao que se espera culturalmente de um membro da família quando ocorre uma morte ou ao celebrar ocasiões familiares importantes.

Os líderes precisam levar a reflexão com os membros sobre essa tensão entre a pobreza como uma realidade vivida e a pobreza como um compromisso feito com votos. Sandra Schneiders aponta que a verdadeira diferença “entre os verdadeiramente pobres e as pessoas que escolhem um estilo de vida pobre é precisamente que estes o escolhem, e podem desescolhê-lo, se as coisas se tornarem muito difíceis”<sup>46</sup>. Ela acredita que é somente quando nossas opções evaporam que podemos experimentar a solidariedade com os pobres, “não a solidariedade conspícua das privações escolhidas, mas a solidariedade real dos companheiros de sofrimento em um mundo que não controlamos e não podemos mudar”<sup>47</sup>. Os líderes precisam ajudar os membros a explorar como responder apropriadamente dentro de diferentes contextos culturais às necessidades ao seu redor de forma a tornar credível a vivência do voto de pobreza.

**O Voto de Celibato:** O celibato consagrado é visto como um dom de Deus para o indivíduo e por extensão para a Igreja e as pessoas entre as quais o religioso vive e ministra. Através do voto de celibato, a pessoa assume um compromisso vitalício, significando uma relação pessoal com Deus e disponibilidade para promover o Reino de Deus. Sacrificar a oportunidade de se casar não é fácil, mas liberta os religiosos para se engajarem plenamente em ministérios socialmente transformadores. No entanto, em alguns contextos culturais, embora o celibato exista há séculos, essa consagração era à divindade, ao governante ou aos espíritos. A vida é vista como um dom de Deus e uma garantia da continuidade do grupo, portanto, “a pessoa que deliberadamente se recusava a transmiti-la ou que era incapaz de transmitir a vida era considerada um elo inútil na cadeia evolutiva”<sup>48</sup>. Cada cultura tem sua própria compreensão de fecundidade e de fertilidade e, para alguns, o compromisso de um filho ou filha com o sacerdócio ou a vida religiosa pode apresentar grandes dificuldades. Por um lado, há a questão da continuidade da família ou tribo e, por outro lado, a futura obrigação dos filhos de cuidar de seus pais e membros de sua família extensa na velhice. Embora essas obrigações tenham sido um pouco enfraquecidas pelo contato com os valores ocidentais, elas são responsabilidades culturais profundamente enraizadas nos rapazes e moças que ingressam na vida religiosa. Qualquer exploração do voto de castidade precisa lidar com questões sobre vida, fecundidade e posteridade e obrigações familiares e como todas essas coisas podem ser reinterpretadas na vida religiosa contemporânea?

A essência do voto de castidade exige abertura às “relações interpessoais e comunitárias de uma afetividade radicalmente curada, purificada e liberada”<sup>49</sup>. A oração pessoal e comunitária ajuda a desenvolver a capacidade de criar relacionamentos mesmo com aqueles com quem não encontramos uma afinidade imediata.<sup>50</sup> O celibato por causa do Evangelho exige inclusão e diversidade ao desenvolver relacionamentos. É um compromisso de viver uma vida de amor expansivo e inclusivo pela humanidade. Isso não acontece naturalmente e é um desafio particular em partes do mundo onde as diferenças culturais causaram divisão e hostilidade. Promover relacionamentos mutuamente enriquecedores através de nossas diferenças é uma profunda expressão profética contra cultural do reino de Deus. A maioria das pessoas que cresceu dentro de um determinado grupo “assimilou suas regras e expectativas.....e se tornou relativamente etnocêntrica”<sup>51</sup>. A capacidade de uma pessoa de incluir os outros depende da capacidade de se engajar em conversas honestas sobre temas difíceis como etnocentrismo, racismo, discriminação, preconceito e estereótipos e quaisquer outras barreiras que nos impeçam de nos



colocar no lugar do outro. Além disso, uma comunidade de religiosos cujos membros fizeram voto de celibato precisa ter flexibilidade “para ampliar seus limites para levar em consideração a experiência e o contexto de outro grupo”<sup>52</sup>. Significa sair da nossa zona de segurança e alargar nossos limites. A inclusão é complicada, multifacetada, demorada... envolve muito pensar e ouvir os outros<sup>53</sup>. Jesus estava preocupado com a inclusão dos fracos, dos excluídos e dos forasteiros. Ele pedia continuamente a seus seguidores que se conectassem com o Deus compassivo cuja misericórdia e bondade amorosa abriram espaço para cada um e para todos. Este é um aspecto crucial do voto de celibato.

**O Voto de Obediência:** Nossa compreensão da obediência mudou radicalmente desde o Vaticano II. Antes do Concílio, as congregações eram estruturadas hierarquicamente, onde alguns membros “eram considerados intrínseca, pessoal e relativamente superiores aos outros”<sup>54</sup>. No entanto, é importante notar que “o que funcionou em um contexto relacional piramidal e autoritário não é mais desejável ou habitável na sensibilidade de



comunhão do nosso jeito de sentir e querer ser Igreja<sup>55</sup>. O modelo participativo que surgiu desde então reconhece a igualdade fundamental de todos e “um senso crescente da inalienabilidade da responsabilidade pessoal<sup>56</sup>. Quando os indivíduos são agora nomeados para papéis de liderança específicos dentro das comunidades religiosas, esta posição agora é entendida como “provisória, temporária, limitada em escopo, funcional e acima de tudo “secular” no sentido de não sacralizada<sup>57</sup>. Esta mudança de modelo coloca a ênfase na colegialidade na busca da vontade de Deus no e através do discernimento pessoal e comunitário.

O voto de obediência é agora entendido como “uma dedicação à liberdade e não à sujeição ou servidão<sup>58</sup>. Fazer um voto de obediência compromete a pessoa a “uma busca pessoal por liberdade e santidade em um contexto comunitário<sup>59</sup>. Requer que cada membro compartilhe abertamente suas próprias convicções e insights obtidos através do discernimento. No entanto, é importante reconhecer que em certas culturas

**Compreender a dinâmica do poder e a complexa dinâmica da comunicação intercultural são fundamentais para o crescimento das relações dentro de uma comunidade religiosa multicultural.**

e contextos o exercício da autoridade “ainda mostra uma tendência à concentração vertical do exercício da autoridade, tanto no nível local quanto nos níveis superiores<sup>60</sup>.

Quando os líderes se propõem a engajar os membros no discernimento, eles precisam considerar como os relacionamentos e a participação operam dentro de diferentes culturas. Isso pode influenciar como os líderes provavelmente liderarão e os membros individuais provavelmente participarão dos processos de discernimento. Geert Hofstede demonstrou como algumas culturas demonstram uma “alta distância do poder” com uma estrutura marcadamente autoritária e hierárquica. Aqui as pessoas acreditam que o poder e a influência estão concentrados nas mãos de poucos e são altamente centralizados. Os membros sentem-se à vontade com a distância entre aqueles que têm poder e influência e aqueles governados. Respeita-se uma pessoa de status mais elevado e “há um padrão de dependência dos idosos que permeia todos os contatos humanos, e o software mental que as pessoas carregam contém uma forte necessidade

de tal dependência<sup>61</sup>. A obediência aos superiores é altamente valorizada. Membros de culturas de “alta distância do poder” tendem a mostrar tanto respeito por aqueles que estão em posição de autoridade que podem achar difícil oferecer opiniões alternativas. Além disso, qualquer perda de prestígio ou de sentimentos de vergonha podem impedir a comunicação e o desenvolvimento de um relacionamento.

Em outras culturas onde as pessoas sentem que são relativamente iguais e têm os mesmos direitos, elas se sentem desconfortáveis com uma distribuição desigual de poder. Se elas se tornarem membros de congregações com uma estrutura de “alta distância do poder”, provavelmente serão vistas como argumentativas quando oferecerem sugestões que diferem das que estão em autoridade. Em culturas que demonstram “baixa distância do poder”, os membros acreditam que a função da liderança é facilitar a participação do maior número possível, a fim de construir um consenso ou chegar a um compromisso. Os membros sentem-se à vontade para oferecer sugestões e expressar publicamente sua oposição aos planos e projetos que estão sendo considerados. Saber como a distância de poder cultural moldou padrões de participação há muito estabelecidos é essencial para que líderes e membros criem processos em que cada pessoa possa participar livremente, sem julgamento.

Ao falar sobre discernimento, o Papa Francisco destacou o fato de que “o discernimento é uma escolha de coragem” e “educar no discernimento significa “expor-se”, sair do mundo das próprias convicções e preconceitos para se abrir para entender como Deus está falando conosco hoje, neste mundo, neste tempo, neste momento.<sup>62”</sup> Fazer isso juntos significa entender como a cultura afeta a dinâmica real da comunicação para evitar mal-entendidos. Os interculturalistas demonstraram como membros de culturas de baixo e alto contexto se comunicam de maneiras diferentes. Edmund Hall<sup>63</sup> denominou uma comunicação ou mensagem de cultura de alto contexto como “aquela em que a maior parte da informação está no contexto físico ou internalizada na pessoa, enquanto muito pouco está nas partes codificadas e explícitas transmitidas da mensagem”<sup>64</sup>.

Ao comunicar com outra pessoa algo que está em sua mente, uma pessoa de uma cultura de alto contexto pode parecer silenciosa e taciturna. Em vez disso, espera que o interlocutor interprete o que está sendo comunicado e, portanto, não explicará em detalhes. Em contraste, uma comunicação de baixo contexto é o oposto direto. A informação está no código explícito e as mensagens verbais são “elaboradas, altamente específicas, detalhadas e redundantes”<sup>65</sup>. Além disso, em algumas culturas, se as opiniões oferecidas são ignoradas ou banalizadas, experimenta-se uma perda de prestígio e vergonha. Se os líderes e membros não entendem a dinâmica complexa da comunicação intercultural, então o discernimento comunitário se torna difícil. Precisamos reconhecer que todos têm um papel a desempenhar no discernimento da verdade coletiva. Um grupo perspicaz permite que a verdade nasça “do ventre do todo”<sup>66</sup>, reconhecendo que todos devem ajudar a moldar essa verdade.

### **Riquezas ou Responsabilidades**

Qualquer consideração da interação entre interculturalidade, liderança e votos precisa reconhecer onde ocorre o florescimento humano (as riquezas envolvidas) e onde estão as áreas problemáticas (as responsabilidades encontradas). Está cada vez mais claro que a liderança é a chave para o crescimento pessoal e comunitário que pode ocorrer quando os votos são explorados através das lentes da cultura. No entanto, o líder deve, antes de tudo, empreender um caminho pessoal, que envolva estudo e reflexão a partir de uma perspectiva intercultural e teológica. Se essa exploração pessoal for evitada, a liderança provavelmente continuará a apresentar uma compreensão da vida prometida que emergiu de uma perspectiva cultural etnocêntrica dominante. O significado dos votos parecerá congelado no tempo e se mostrará irrelevante em novos contextos culturais.

O significado mais profundo de valores culturais tão estimados como hospitalidade ilimitada, responsabilidades filiais e comunitárias, reciprocidade e solidariedade prática precisam ser continuamente contextualizados e incorporados à vida consagrada. Desta forma, o rico significado da vida comprometida está continuamente sendo rearticulado em novas realidades. O exame dos votos através das lentes da cultura oferece novos convites para a conversão pessoal e comunitária. Cria uma troca mutuamente enriquecedora para os membros das congregações e aguça o impacto profético da vida pessoal e comunitária em relação aos contextos locais e globais. Sem essa reflexão e reinterpretação contínuas, a vida religiosa poderia estar em perigo de perder sua vitalidade. O resultado pode levar a uma perda de sentido e significância e à imposição contínua de entendimentos e práticas históricas que sobrecarregam os membros mais novos.

A liderança tem um papel importante a desempenhar para facilitar o desenvolvimento de comunidades interculturais proféticas. Uma apreciação mais profunda da complexidade da cultura pode ajudar os membros a reinterpretar o significado da vida com votos de uma perspectiva intercultural. Vários estudos indicam que atualmente a maior parte da conscientização cultural acontece por tentativa e erro e não por meio de um estudo sério da cultura. Esses estudos também observam que o conhecimento impreciso obtido por tentativa e erro pode muitas vezes ter resultados negativos, levando a mal-entendidos e conflitos. Os líderes precisam garantir que a educação para a vida e o ministério intercultural seja parte integrante da formação inicial e permanente. Com essa conscientização, os membros podem se envolver em conversas honestas sobre tópicos críticos. Isso aumenta a compreensão interpessoal, desenvolve relações mutuamente enriquecedoras e, em última análise, enriquece o discernimento comunitário. Onde esse conhecimento e esses processos estiverem ausentes, os membros continuarão a se relacionar de maneira etnocêntrica, inconscientes dos erros cometidos, mágoas causadas e oportunidades de crescimento perdidas.

Finalmente, os líderes precisam entender como as diferenças culturais afetam a forma como os membros veem as relações com as figuras de autoridade. Onde existe essa compreensão, os líderes adaptam suas abordagens ao se engajar na comunicação pessoal e em grupo e desenvolver processos que encorajem a participação máxima de membros de diferentes culturas. Compreender a dinâmica do poder e a complexa dinâmica da comunicação intercultural são fundamentais para o crescimento das relações dentro de uma comunidade religiosa multicultural. Membros com conhecimento e discernimento culturais adequados são capazes de construir pontes de reciprocidade que são um testemunho profético em sociedades marcadas pela divisão.

À medida que os membros das congregações religiosas se abrem e ouvem uns aos outros, eles percebem que todos “são convocados para a mesma mesa onde Deus nos alimenta não apenas com a comida e os espíritos familiares, mas também com os novos e não experimentados alimentos e espíritos da revelação mais recente de Deus.”<sup>67</sup> Em entrevista a um jornalista em 2007, o Papa Francisco observou que “a fidelidade é sempre uma mudança, um florescimento, um crescimento”. Efetuar mudanças dentro de uma organização requer uma mudança cultural. Em primeiro lugar, a mudança cultural deve ser nomeada pela liderança e depois atualizada. A crescente natureza multicultural da vida religiosa exige uma mudança de imaginação e compreensão em todos os níveis. A liderança iluminada envolverá todos os membros para “seguir as luzes dentro do grupo até o limite do amanhã, em vez da preservação do ontem”<sup>68</sup>.

- 1 Alvin Toffler, *The Third Wave / A Terceira Onda* (New York: Bantam Books, 1981), 10.
- 2 Yasmien Serham and Timothy McLoughlin, "The Other Problematic Outbreak: As the Coronavirus spreads across the globe so does racism," / "O outro surto problemático: à medida que o coronavírus se espalha pelo mundo, o mesmo acontece com o racismo". *The Atlantic*, March 13,20
- 2 *ibid.*
- 3 *Ibid.*
- 4 *Ibid.*
- 5 Isabel Wilkerson, "America's Enduring Caste System," *New York Times*, June 1, 2020.
- 6 Sr. Jayne Helmlinger CSJ, "Vulnerability, Borders and the Long Notes of Religious Life," Online LCWR Presidential Address, August 12, 2020.
- 7 *New Wine in New Wineskins, The Consecrated Life and Its Ongoing Challenges since Vatican II* (Vatican City: Libreria Editrice Vaticana, 2017), #7.
- 8 Marie Chin RSM, "Towards a New Understanding of Cultural Encounter in Our Communities," *Horizon*, Winter 2003, 16.
- 9 Mary Pellegrino CSJ, "Opening Space for an Emerging Narrative of Communion," Presidential Address, LCWR, August 10, 2017.
- 10 *New Wine in New Wineskins*, #13.
- 11 *Ibid.*
- 12 *Ibid.*
- 13 *ibid.*
- 14 Sr. Antoinette Gutzler MM, Comment made during the US\_C3 Constellation Meeting of UISG members, Zoom Meeting, August 14, 2020.
- 15 Patricia Murray ibvm, *Becoming a Multicultural International Institute*, / *Tornando-se um Instituto Internacional Multicultural MA Thesis* (Chicago: Catholic Theological Union, 2005).
- 16 *New Wine in New Wineskins*, nº 8.
- 17 Anthony J. Gittins, *Living Mission Interculturally: Faith, Culture and the Renewal of Praxis* (Collegeville, MN: The Liturgical Press, 2015), 10.
- 18 David Rooke and William R. Torbert, "Seven Transformations of Leadership," / *Sete Transformações da Liderança* Harvard Business Review. [www.hbr.org](http://www.hbr.org).
- 19 K. Muff et al. *Management Education for the World / Educação em Gestão para o Mundo* (Cheltenham: Edward Elgar, 2013), 32.
- 20 Joseph M. Lozano Soler, "Leadership, The Being Component: Can the Spiritual Exercises of St. Ignatius Contribute to the Debate on Business Education," / "Liderança, Componente do Ser: Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio podem contribuir para o debate sobre a educação empresarial", *Journal of Business Ethics*, Vol.145, No. 4, 11/2017, 795-809.
- 21 Chris Lowney, *Pope Francis: Why He Leads The Way He Leads / Papa Francisco: por que ele lidera do jeito que lidera* (Chicago: Loyola Press, 2013), 9
- 22 2 *Ibid.* 9
- 23 Ingmar Torbjörn, "Cultural Barriers as a Social Construct: An Empirical Validation" / "Barreiras culturais como construção social: uma validação empírica" in Young Yun Kim and William Gudykunst ed., *Cross Cultural Adaptation: Current Approaches* (Newbury Park, California: Sage Publications, 1988), 48.
- 24 External culture is the conscious part of culture. It is the part that we can see, taste and hear. It consists of acknowledged beliefs and values. It is explicitly learned and easily changed. However, this constitutes only a small part of culture. The major part is the internal part, which consists of the unconscious beliefs, thought patterns and myths that affect everything we do and see. It is implicitly learned and is very hard to change. (Eric Law) A cultura externa é a parte consciente da cultura. É a parte que podemos ver, saborear e ouvir. Consiste em crenças e valores reconhecidos. É explicitamente aprendido e facilmente alterado. No entanto, isso constitui apenas uma pequena parte da cultura. A maior parte é a parte interna, que consiste nas crenças inconscientes, padrões de pensamento e mitos que afetam tudo o que fazemos e vemos. É aprendido implicitamente e é muito difícil de mudar. (Lei Eric)
- 25 Mary Jane Collier & Milt Thomas, "Cultural Identity: An Interpretive Perspective" in *Theories in Intercultural Communication*, "Identidade Cultural: Uma Perspectiva Interpretativa" em *Teorias da Comunicação Intercultural ed.*, Young Yun Kim and William B. Gudykunst (Newbury Park, Beverly Hills, Ca: Sage Publications, 1988), 112.
- 26 Roger Schroeder, "Interculturality and Prophetic Dialogue, " / " Interculturalidade e Diálogo Profético " *Verbum SVD*, 54, no. 1, (2013); 8-21.
- 23 Ingmar Torbjörn, "Cultural Barriers as a Social Construct: An Empirical Validation" in Young Yun Kim and William Gudykunst ed., *Cross Cultural Adaptation: Current Approaches* (Newbury Park, California: Sage Publications, 1988), 48.
- 24 External culture is the conscious part of culture. It is the part that we can see, taste and hear. It consists of acknowledged beliefs and values. It is explicitly learned and easily changed. However, this constitutes only a small part of culture. The major part is the internal part, which consists of the unconscious beliefs, thought patterns and myths that affect everything we do and see. It is implicitly learned and is very hard to change. (Eric Law)

- 25 Mary Jane Collier & Milt Thomas, "Cultural Identity: An Interpretive Perspective" in *Theories in Intercultural Communication*, ed., Young Yun Kim and William B. Gudykunst (Newbury Park, Beverly Hills, Ca: Sage Publications, 1988), 112.
- 26 Roger Schroeder, "Interculturality and Prophetic Dialogue," *Verbum SVD*, 54, no. 1, (2013); 8-21.
- 27 Gittins, *Living Mission Interculturally*, 9.
- 28 Aylward Shorter, *Celibacy and African Culture / Celibato e Cultura Africana* (Nairobi: Paulines Publications Africa, 1998), 13.
- 29 Lucas 9,62.
- 31 Mat. 10,37.
- 30 Sandra M. Schneiders IHM, "A Contemporary Theology of Religious Life,"/ *Uma Teologia Contemporânea da Vida Religiosa*, *Journeying Resources*, 14-27. Washington, DC: Leadership Conference of Women Religious, 1977, 14.
- 33 John Paul II, *Post-Synodal Apostolic Exhortation, Vita Consecrata* (March 25, 1996), 37.
- 31 Matt. 10:37.
- 32 Sandra M. Schneiders IHM, "A Contemporary Theology of Religious Life," *Journeying Resources*, 14-27. Washington, DC: Leadership Conference of Women Religious, 1977, 14.
- 33 John Paul II, *Post-Synodal Apostolic Exhortation, Vita Consecrata* (March 25, 1996), 37.
- 34 *New Wine in New Wineskins*, #9.
- 35 *34 New Wine in New Wineskins*, #9.
- 35 Sandra M. Schneiders IHM, "A Vow of Poverty,"/ *O Voto de Pobreza C21 Resources* (Fall, 2014), 18.
- 36 Ibid.
- 36 Rev. Prof. Guillaume Kipoy-Pombo, "The Inculturation of Consecrated Life Today in Sub-Saharan Africa," / *A inculturação da vida consagrada hoje na África subsaariana*, *The Catholic Voyage: African Journal of Consecrated Life*, vol. 16, 2019, 24.
- 37 Ibid.
- 38 Kipoy-Pombo, "The Inculturation of Consecrated Life Today in Sub-Saharan Africa,"/ *A inculturação da vida consagrada hoje na África subsaariana* 24.
- 40 Ibid.
- 39 ibid
- 40 Kipoy-Pombo, "The Inculturation of Religious Life Today in Sub-Saharan Africa," 27.
- 41 Kipoy-Pombo, "The Inculturation of Consecrated Life Today in Sub-Saharan Africa," 24.
- 42 bid.
- 43 Ibid.
- 43 Schneiders IHM, "A Vow of Poverty,"/ *O Voto de Pobreza* 19
- 44 Ibid
- 45 Kipoy-Pombo, "The Inculturation of Religious Life Today in Sub-Saharan Africa,"/ *A inculturação da vida consagrada hoje na África subsaariana* 24.
- 46 Schneiders, "A Contemporary Theology of the Vows,"/ *Uma Teologia Contemporânea dos Votos* 21.
- 47 Edward Kinerk SJ, "The Vows,"/ "Os Votos" *The Way*. Campion Hall Brewer St. Oxford, 66.
- 48 Anthony J. Gittins, *Gifts and Strangers: Meeting the Challenge of Inculturation / Dons e estranhos: enfrentando o desafio da inculturação* (New York: Paulist Press, 1989), 33.
- 49 Eric H.F. Law, *Inclusion: Making Room for Grace / Inclusão: abrindo espaço para a graça* (St. Louis, Missouri: Chalice Press, 2000), 26.
- 50 Ibid
- 51 Sandra M. Schneiders, "A Contemporary Theology of the Vows" / ,/ *Uma Teologia Contemporânea dos Votos*, 22
- 52 *New Wine in New Wineskins*, #24.
- 53 Schneiders, "A Contemporary Theology of the Vows," 23.
- 54 Ibid. 22.
- 55 Ibid. 23
- 56 bid. 24
- 57 *New Wine in New Wineskins, Vinho Novo em Odres Novos* n°17.
- 58 Geert Hofstede et al, *Cultures and Organizations: Software of the Mind*,(New York: McGraw Hill, 2010), 32.
- 59 Pope Francis, *Meeting with Seminarists*, *Vatican News*, March 16, 2018.
- 60 Edward T. Hall, *Beyond Culture* (New York: Anchor Press, 1977).
- 61 Hall, *Beyond Culture*, 91.
- 62 Fred E. Jandt, *Intercultural Communication: An Introduction*, 3<sup>rd</sup> Edition(Sage Publications Inc.: Thousand Oaks, 2001), 220.
- 63 Ibid.
- 64 Gerdenio Manuel SJ, "Little Brown Brother," *Studies in the Spirituality of Jesuits*, November 2001, 33/5, 27.
- 65 Joan Chittister OSB, "LCWR Outstanding Leadership Award Acceptance Remarks," August 4, 2007, Kansas City, MO.